

GHOSTBUSTERS: MAIS ALÉM DIALOGA COM REFERÊNCIAS DOS SUCESSOS DA DÉCADA DE 1980 E TRAZ A ENERGIA E O ENCANTAMENTO DE UM NOVO GRUPO DE CAÇADORES DE FANTASMAS

Fotos: Columbia/Divulgação



Nova versão promete agradar públicos de diferentes gerações com nova aventura

Quem vocês vão chamar?

» RICARDO DAEHN

Cinco anos já se passaram desde o fiasco da última versão de *Caça-Fantasmas*, estrelada por um elenco predominantemente feminino e muito criticado por isso. Agora, com a chegada de *Ghostbusters: Mais além*, há muitas heranças de talento em jogo, dentro e fora da tela. Filho de Ivan Reitman — o cérebro para a franquia —, Jason assume a direção do longa que ele escreveu ao lado de Gil Kenan.

Dessa vez, tudo começa com um experimento num milharal da pequena cidade de Summerville, que causa o desprendimento de gases tóxicos. Com o incidente, o cientista Egon abrirá caminho para a entrada em cena da filha dele, Callie (Carrie Coon) e dos seus netos Phoebe (Mckenna Grace) e Trevor (Finn Wolfhard).

Na pacata cidade do pai, Callie vê as condições ideais para criação dos filhos, mas se frustra por dilemas financeiros. Contrariados com a mudança de casa, Phoebe e

Trevor têm um novo ânimo com a chegada do falante Podcast (Logan Kim). Juntos, eles passam a perceber eventos sobrenaturais e investigá-los. Uma maldição associada à mineradora desativada há décadas indica parte dos mistérios a serem desbaratados pela família Spengler.

O filme não peca pelo saudosismo, mesmo com diversas referências aos filmes oitentistas e, em particular, ao primeiro da franquia, de 1984. É possível ver o novo grupo de caça-fantasmas assumindo os dispositivos de raios, equipamentos de desintegração de matérias, as armadilhas que eram o temor dos ectoplasmas e, até mesmo, o icônico veículo que fez história no cinema ao transportar a primeira geração de combatente aos espectros do outro mundo. Equipamentos que, na trama, teriam sido desenvolvidos por cientistas dos anos 1980, mas que deixaram o meio acadêmico, por falta de crédito para investimentos na ciência, e empreenderam no ramo da caçada aos fantasmas.

A familiaridade do trio com toda a paraféria é explicada em visualizações do trabalho do predecessores no YouTube. Interessada em química e física, a pequena Phoebe (Mckenna Grace) faz a festa, comandando muito da ação no manejo de engenhocas de alta tecnologia. Na jornada que a aproxima do avô, identificado na cidade pelo nada carinhoso apelido de Planta-Lama, Phoebe ainda terá como mentor Gooberson (Paul Rudd), um amalucado professor que subverte a ordem da escola em que a menina estuda.

Seja no formato de inocentes marshmallows ou reveladas em horripilantes fenômenos, as aparições assustadoras que mobilizaram a equipe de cientistas interpretados por Bill Murray, Dan Aykroyd, Ernie Hudson e Harold Ramis (morto em 2014), retornam para garantir muito entretenimento e fazem a integração entre o passado e o presente do argumento do filme.

Um fator diferenciado no enredo, movido a armadilhas para fantasmas, está no fato de

o filme ser produzido pelo pai do diretor, Ivan Reitman, que foi o diretor dos filmes originais, e assina a produção executiva. Além da nova empreitada, Jason Reitman é o responsável por sucessos como *Obrigado por fumar* e *Amor sem escadas*.

Outros lançamentos

- **Chernobyl: O filme** — Os segredos do desastre
- **Galeria futuro**
- **Ataque dos cães**
- **8 presidentes 1 juramento** — A história de um tempo presente
- **Noite de fogo**
- **Nina**
- **Enquanto houver amor**
- **SARS-CoV-2, o tempo da pandemia**

Universal/Divulgação



Thomasin Mckenzie é a atormentada Eloise, que enfrenta uma trama sombria

A perda da inocência

As maldades reservadas aos calouros, no processo de adaptação à Universidade das Artes de Londres são o mínimo a ser enfrentado pela jovem Eloise — Thomasin McKenzie —, na trama de *Noite passada em Soho*, conduzido por Edgar Wright. Adentrar no universo da moda, depois de sair da tranquila cidade Cornwall, colocará Eloise frente a frente com a realidade do assédio.

Com linhas temporais sobrepostas, o filme traz uma narrativa do tempo presente, mas, gradualmente, desloca-se para os anos de 1960, ambientado no palco da Swinging London, o movimento cultural que trouxe projeção pop para a Grã-Bretanha. Na famosa casa de entretenimento Rialto, Eloise trava contato com Sandie — Anya Taylor-Joy —,

uma aspirante a cantora. O roteiro coescrito pelo diretor Wright e por Krystyn Wilson-Cairns — coautora do filme de guerra *1917* —, retrata os dilemas da estudante que busca por visibilidade social.

Engenhosamente, os roteiristas cercam Eloise de elementos extratemporais, como uma vitrola que parece viciada em discos antigos e toca sucessos como *End of my world for me* e *I've got my mind set on you* e transportará, virtualmente, a jovem para um mundo habitado por personagens, que são interpretados por atores veteranos, como Terence Stamp — um tipo mulherengo — e Diana Rigg, em sua última e bela interpretação para cinema, como a dona de uma pensão muito parada.

Fox Film Corporation/Divulgação



Histórias dos personagens se confundem com a revista fictícia da película

Desenho animado, exame do submundo, emprego de recursos de teatro, censura ao imperialismo e sensualidade pontuam o filme que abraça a ansiedade narrativa de Wes Anderson que chegam ao ápice na narrativa encenada

por Benicio Del Toro: um afresco sobre um subsidiário com veia artística envolvido em negociações no mercado de artes da cidade. Seja em pastel ou preto e branco, a fotografia de Robert D. Yeoman qualifica ainda mais o filme.

Crítica // A crônica francesa ****

Relatos selvagens

Com o estilo cartunesco capaz de perpetuar o frescor de suas obras, o diretor Wes Anderson comanda o longa *A crônica francesa*. Na trama, uma revista com tino editorial norte-americano é uma das principais publicações de uma cidade fictícia na Europa. O conflito cultural dá liga para o enredo que bebe de Godard e Truffaut. Com roteiro de Roman Coppola — filho de Francis Ford Coppola — e de Wes Anderson, o longa explora pormenores de linguagens visuais e orais, com diálogos refinados e, afiadamente, irônicos. Ao tratar do fazer jornalístico e seus bastidores, Anderson refuta o mito da isenção na produção de notícias. O elenco do filme, que competiu ao Festival de Cannes, é de ouro: Benicio Del Toro, Tilda Swinton, Léa Seydoux, Timothée Chalamet, Owen Wilson e Bill Murray.

O próprio formato de revista é usado como moldura que apresenta três

histórias que ilustram as seções da revista, contemplando *Tursimo*, *Arte Moderna*, *Gastronomia* e *Poesia e Política*, além de *Obituários*. Há rocambo e um rebuscamento sinuoso na trama, toda enriquecida a exemplo de um bom texto que exceda aspectos informativos. Miséria, fome, perigo, solidão e até sadomasoquismo entram na leva de temas abordados. Wes Anderson até fala de violência, mas se recusa a enfocá-la graficamente.

Personagens exibicionistas e excêntricos exacerbam a criatividade da imprensa retratada no filme. Da solteirona que vive "de, e para escrever", interpretada por Lucinda (McDormand), até o destrinchar da vida do comissário de polícia, vivido por Mathieu Amalric, que deposita no filho a responsabilidade para sucedê-lo. A obra apresenta trajetórias decantes, mas iluminadas. Nada é massante na película.